

LITERATURA INFANTIL E ESCOLA: VALORES DAS FÁBULAS EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tháisa Alves Brandão*

Resumo: *A pesquisa teve o intuito de investigar a maneira como determinados livros didáticos de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental exploram os valores inculcados nas fábulas. A importância destas no universo infantil advém da identificação dos valores morais, atitudes e sentimentos presentes nas histórias. Os elementos primordiais deste trabalho são as proposições destinadas ao estudo das Fábulas, e para tal, foi observado o número de alternativas direcionadas à análise Gramatical e Ornamental (nomenclaturas utilizadas pela pesquisadora) em detrimento da discussão de valores.*

Palavras-chave: Fábula; Livro didático; Valores morais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo abará a importância da Literatura Infantil na construção dos valores morais das crianças. Isto porque, através dela o indivíduo tem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em função da discussão dos valores ideológicos e sociais nela contidos.

Tal estudo se utilizará do “Maravilhoso”, que é elemento estético e constitui-se da ligação entre o real e o imaginário. Esse Maravilhoso não deve ser visto como simples fantasia e mentira, mas um meio de discutir através do lúdico as verdades humanas. Sua significação na literatura destinada às crianças deve-se ao fato de introduzir no texto literário “o mistério” que favorece a fantasia e ao devaneio.

Ele é resultante da fusão do Real com, o Trans-Real, em que as fronteiras entre a Realidade e o Imaginário se diluem fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade onde as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum, onde irrompe algo ‘estranho’, que é visto ou vivido com a maior naturalidade pelas personagens. (COELHO, 1991, p. 41)

A tipologia textual a ser abordada neste trabalho é a Fábula, conceituada pelo Dicionário Breve de Termos Literários, como “histórias sobre animais com estatuto de intervenientes racionais, com a finalidade didático - moral”.

O CORPUS DA PESQUISA

O corpus do presente artigo é o livro didático, material que servirá de instrumento para a investigação da temática abordada, que tem sido considerado instrumento fundamental no processo de escolarização e transmissão de conhecimento na “tradição escolar”.

* Graduada em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX). thaisa_brandao@bol.com.br.

A preocupação com os livros didáticos em nível oficial, no Brasil, se inicia com a Legislação do Livro Didático, criada em 1938 pelo Decreto-Lei 1006. Nesse período, o livro já era considerado uma ferramenta da educação política e ideológica, sendo caracterizado o Estado como censor no uso desse material didático. Os professores faziam as escolhas dos livros a partir de uma lista pré-determinada na base dessa regulamentação legal. Art. 208, inciso VII de Constituição Federal do Brasil, em que fica definido que o Livro Didático e o Dicionário de Língua portuguesa são um direito constitucional do educando brasileiro. (FRANCO, 1992, p.22).

A pesquisa terá o intuito de investigar a maneira como os livros didáticos de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª séries exploram - e se exploram- o tipo de narrativa citada anteriormente. A escolha das séries indicadas justifica-se pelo fato de que é nesta fase que as crianças começam a internalizar valores morais.

FUNÇÕES DA LITERATURA INFANTIL

A literatura contemporânea tem como função primordial a renovação da linguagem, das próprias palavras e dos seus contextos, para libertá-la dos clichês e mistificações que carregam consigo através das décadas. Por isso, a Literatura Infantil deve levar a uma leitura reflexiva, à aquisição de vocabulários e conceitos, assim como preferências, o gosto pela leitura e, sobretudo, a aquisição de valores.

Seu ideal é deleitar, entreter, instruir, distrair e educar as crianças, melhor ainda se ocorrer todas de uma só vez. Porém, distrair é a função mais importante da literatura, uma vez que o prazer deve envolver tudo o mais. Se não houver uma obra que produza o prazer, a obra não será literária e sim, didática. Ainda que o livro infantil tenha a função primordial de distrair as crianças, pode também trazer intrínseco certa porção de conhecimento, desde que discuta informações objetivas que abranjam a descoberta dos tempos atuais, nos campos geográfico, histórico, científico e cultural em geral. Sendo assim, ele pode levar as crianças a despertar um sentimento de respeito e dignidade pela pessoa humana e, especialmente, nos nossos dias, despertá-las para os valores sociais: justiça, paz, liberdade, igualdade, solidariedade, dentre outros.

É verdade também, que estas estórias falam das pressões internas graves das crianças de um modo que elas inconscientemente compreendem e – sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe – oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades permanentes.

Segundo (GÓES, 1984, p.27)

a literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência e concepção do mundo, suas idéias e gostos.

A citação acima reitera a idéia de que a literatura não é uma e que sua abrangência perpassa os conceitos e vem a ter funcionalidade tanto didática quanto prazerosa. Vale acrescentar que a Literatura Infantil possui vertente diferenciada; porém, a que será trabalhada neste estudo é a Fábula, no tocante a sua origem e características.

Fábula: conceito, origem e características.

Fábula provém de *fabla*, isto é falar. É também uma pequena narrativa de situações vividas por animais que tem por objetivo instruir e divertir.

A origem da Fábula remonta a tempos antigos e provém da necessidade natural que o homem sente de expressar seus pensamentos por meio de imagens e símbolos. Seus criadores foram: Pelpay entre os indianos, Esopo entre os gregos, Fedro entre os romanos, Juan Ruiz, Juan Manoel, Iriarte e Samaniego na Espanha, La Fontaine na França, Borner e Hans Sachs na Alemanha, Gay e Dreyden na Inglaterra. Na América Latina o povo anônimo é dono de vastíssimo folclore animalista, no qual predominam personagens tão importantes quanto Don Juan e Zorro. Ela é das raras formas literárias que conseguiram resistir até nossos dias, vivas, sem perder suas características essenciais: ser uma estória de animais que “prefiguram” os homens; diverte o leitor e tem uma moralidade.

Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real, direcionando-a para a aquisição de conceitos favoráveis à sua formação intelectual.

FAGUNDES (2001, p. 11) afirma que:

“A questão ética da moral e dos valores é tão antiga quanto a própria humanidade. A luta entre o bem e o mal, que faz parte do imaginário do povo desde o alvorecer da vida, não é senão uma tentativa de organização e compreensão dos assuntos comuns a todas as culturas”.

Desta maneira a utilização da fábula com tal intuito é pertinente, pois esta enfoca com clareza a questão da aquisição de valores éticos e morais.

A fábula é uma forma literária indireta na exposição de sua expressão, de caráter geralmente crítico, de análise precisa e tradução clara dos fatos enfocados.

Esta tipologia é muito atraente, pois fala de animais, portanto está muito próxima das crianças. Estas têm um sentido especial para se relacionarem com os animais.

Segundo PIAGET apud BETTELHEIM (1999, p.60):

“Para a criança não existe uma linha clara separando os objetivos das coisas vivas; e o que quer que tenha vida tem vida muito parecida com a nossa (...). E como a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre coisas que são realmente significativas para ela, como fazem os animais nas Fábulas, e da maneira como a própria criança fala com seus pertences ou animais de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não o mostre abertamente”.

Em relação à Fábula no ensino (ROUSSEAU apud GÓES, 1973, p. 146), em sua análise conclui que ela pode instruir aos adultos; porém às crianças deve ser dita a verdade sem disfarces, para que sozinhas elas possam decifrar o cunho moral da narrativa. Afirma também que a narrativa fabulosa não deve dar margem a dupla interpretação, uma vez que trazem embutidas consigo valores morais.

Para ABRAMOVICH (Revista Educação, 228 p. 46), “as Fábulas seriam banidas da literatura. ‘Odeio todas. Elas são moralistas, ficam despejando regras sobre a meninada. Parecem umas lições chatas, ensinadas de má vontade por um professor rabugento’(...)”.

Valores morais e ética na educação escolar

O ser humano está inserido em uma sociedade, e dessa maneira, a formação moral e o desenvolvimento de suas atitudes são influenciadas por seus membros. A presença constante dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, jornais, revistas, propagandas dos mais variados tipos etc) nos espaços públicos e privados, a religião e sem dúvida a escola conferem a ele um grande poder de influência, de veiculação de valores e de modelos de comportamento.

Faz-se necessário esclarecer que a escola, por ter seu poder limitado, não deve ser considerada única instituição capaz de educar moralmente os indivíduos, garantindo assim o total sucesso em seu trabalho de formação. Contudo, a escola participa da formação moral de seus alunos, no momento em que valores e regras são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos[†], pela organização institucional, pela forma de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos.

É conveniente lembrar que a transmissão desses valores e regras não se caracteriza pela mera reprodução de modelos, mas especificamente pela socialização dos mesmos. A dimensão da ética da democracia consiste na afirmação daqueles valores que garantem a todos terem o direito de ter direitos, fazendo assim a distinção entre afirmação e imposição de valores.

A imposição de valores contraria o princípio democrático da liberdade, e com isso o que se consegue obter são pessoas com “comportamentos adequados”, indo de encontro à perspectiva da afirmação e construção de valores e atitudes.

O desenvolvimento de atitudes pressupõe conhecer diferentes valores, para apreciá-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e eleger um sistema de valores para si. Com esse intuito, os valores eleitos têm que ser explicitados para todos, principalmente para os alunos, para que o trabalho pedagógico ofereça a possibilidade de discussão e questionamento e não a ocultação de contradições, conflitos e confrontos.

Diante disso, os indivíduos apropriam-se dos valores e regras construídos socialmente, constituindo um juízo e uma consciência moral, estabelecidos através de etapas do desenvolvimento.

Segundo os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais), as etapas do desenvolvimento e suas características específicas apontam para um movimento que conduz de uma heteronomia relativa em direção a uma autonomia relativa. O termo “relativa” justifica-se pelo fato de que não se pode dizer que haja heteronomia ou autonomia absolutas, entendendo-se que cada indivíduo partilha de situações variadas e simultâneas, manifestando uma atitude mais autônoma em determinadas instâncias de sua vida social, ao mesmo tempo que revela atitudes mais heterônomas em outras. Portanto, o movimento heteronomia/autonomia não é linear e constrói-se na complexidade de inter-relação que envolve a maturação biológica, o desenvolvimento cognitivo-afetivo e a qualidade das relações que o indivíduo estabelece com outros. O desenvolvimento moral é assim um processo, que tem como elemento constituinte a contradição-simultaneidade de atitudes autônomas e heterônomas no comportamento – e que apresenta momentos em que predomina uma ou outra atitude.

Ainda se tratando das etapas do desenvolvimento moral, é na primeira infância que predomina a heteronomia, fase em que a criança legitima as regras porque provêm de pessoa com prestígio e força. Nesta fase ela não procura o valor intrínseco das regras. Todas as características dessa primeira fase do desenvolvimento moral decorrem da não-apropriação

[†] O livro didático também é importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade em relação a sua visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento.

racional dos valores e das regras, uma vez que são legitimadas pelo valor afetivo de quem as profere.

Em relação à autonomia moral, esta é construída por volta dos oito anos de idade, quando a criança inicia um processo em que já possui mecanismo que possibilita o julgamento de atos.

Começa a compreender as regras pelo seu espírito e não mais ao pé da letra, e legitimá-las não mais porque provêm de seres “poderosos”, mas porque se convence racionalmente de sua validade. Dessa maneira, a racionalidade começa a ganhar seu espaço no desenvolvimento moral.

Com o início da puberdade, ocorrem mudanças no desenvolvimento moral do indivíduo, uma vez que coincide com o início da possibilidade de uma maior abstração e, portanto, de uma ampliação na formação do juízo e da consciência moral. Ou seja, nesta fase ocorre a reelaboração de valores, legitimação de regras e formação de atitudes, a qualidade das relações torna-se um elemento essencial, principalmente de compartilhar, construir legitimidade e aproximação entre os jovens e adolescentes.

É, portanto, fundamental para a escola, a reflexão e a especificidade dessas fases da vida e sobre como adequar sua organização, sua forma de intervenção, de modo a contribuir para que os alunos aprendam a refletir criticamente sobre os valores que possuem, os que procuram experimentar e os que estão à sua volta, buscando a ética em suas relações.

Estes valores, quando esquecidos resultam em superficialidade, consumismo e egocentrismo. Diante disso, a educação deve ser um agente transformador da sociedade, levando-a ao autoconhecimento e à valorização da condição humana. O homem será o transmissor da imensa riqueza cultural e usará consciente e dignamente seus conhecimentos, procurando cumprir seus deveres e servir seu semelhante; isto porque os valores morais são os pilares de sustentação de uma nova humanidade.

CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS MATERIAIS

A investigação foi realizada a partir da análise de livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O motivo que levou à escolha do livro didático justifica-se pelo fato de este estar apto a acompanhar o grau de maturidade e o desenvolvimento cognitivo da criança nesta fase de sua vida: assimilação e discussão de valores.

Foram utilizadas 3 coleções de livros didáticos, de 1ª a 4ª séries: “*Viver e Aprender Português*”, dos autores Clóder Rivas Matos e Joana D’Arque G. Aguiar, “*Os Caminhos da Língua Portuguesa*”, de Maria do Rosário Gregolin, e *Montagem e Desmontagem de Textos*”, do autor Hermínio Sargentim.

Tais documentos foram selecionados com base nos seguintes critérios:

- Ter sido aprovado pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura);
- Ser adotado por escolas públicas, aprovadas pelos professores;
- Estar direcionado ao ensino de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

Para a opção metodológica de caráter quantitativo, elegeu-se para o estudo, a observação e análise sistemática dos textos através de uma Ficha de Avaliação das Fábulas em Livro Didático (em anexo) organizada pela pesquisadora.

A categoria de análise foi o objetivo educativo (assim denominado pela pesquisadora) da Fábula no livro:

Objetivo ornamental: Fábula usada de forma lúdica, para embelezar o livro, tornando-o mais atrativo.

Objetivo gramatical: Fábula usada como base para atividade de compreensão e “interpretação” textual

Objetivo crítico: Fábula usada para discussão de valores que envolvam a convivência interpessoal, dentro e fora do âmbito escolar, ou seja, em uma dimensão social.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Tabela 1: Exploração das Fábulas na coleção Viver e Aprender Português – por série.

TIPOS	SÉRIES			
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
CRÍTICO	-	X	X	X
ORNAMENTAL	-	-	-	-
GRAMATICAL	X	X	X	X

Tabela 2: Exploração das Fábulas na Coleção “Os Caminhos da Língua Portuguesa” por série.

TIPOS	SÉRIES			
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
CRÍTICO	-	-	X	-
ORNAMENTAL	-	-	-	-
GRAMATICAL	X	-	X	-

Tabela 3: Exploração das Fábulas na Coleção “Montagem e Desmontagem de Textos” por série.

TIPOS	SÉRIES			
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
CRÍTICO	-	-	X	X
ORNAMENTAL	-	-	-	-
GRAMATICAL	-	X	-	X

Tabela 4: Número de Fábulas existentes na Coleção “Viver e Aprender Português” por série.

SÉRIES	QUANTIDADE DE FÁBULAS
1 ^a	3
2 ^a	1
3 ^a	1
4 ^a	1

Tabela 5: Número de Fábulas existentes na Coleção “Os Caminhos da Língua Portuguesa” por série.

SÉRIES	QUANTIDADE DE FÁBULAS
1 ^a	1
2 ^a	-
3 ^a	1
4 ^a	-

Tabela 6: número de Fábulas existentes na Coleção “Montagem e Desmontagem de Textos” por série.

SÉRIES	QUANTIDADE DE FÁBULAS
1 ^a	-
2 ^a	1
3 ^a	1
4 ^a	1

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste artigo foi revelar, através da análise de livros didáticos – de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental – a presença de indicadores que evidenciassem a existência e o modo como as Fábulas são trabalhadas em tais manuais.

Observou-se que eles apresentaram quinze Fábulas. Entretanto, estas foram trabalhadas sob diferentes enfoques: seis delas exploradas do ponto de vista crítico, abordando aspectos morais e éticos, e as nove restantes desprezaram-nos, tratando unicamente do âmbito Gramatical.

Acredita-se que a partir de tal “investigação” houve avanço no conhecimento concernente a esta temática. Isto porque, no momento, ainda que em pequena proporção – em função da quantidade de materiais disponíveis para serem analisados – já se sabe ao menos, da existência das Fábulas em alguns livros didáticos de 1^a a 4^a séries.

A importância dos resultados encontrados é de grande valia para a educação, pois apontam a “deficiência” dos livros didáticos (analisados) no incentivo à leitura crítica/reflexiva do aluno. Acredito que a consequência mais importante desta descoberta seja o fato de trazer à tona as divergências existentes entre o que propõem as mensagens de apresentação e o que os manuais realmente oferecem.

A quantidade de livros didáticos analisados foi pequena e infelizmente a pesquisa foi restrita à Cidade do Salvador – BA. Por este motivo, sabe-se que poderia ter sido melhor/mais abrangente, se abarcasse um número de cidades e coleções. Desta maneira, “revelaria” outras realidades que se somariam aos dados que já existem.

Acredito que novas pesquisas pudessem ir além e esclarecer diferentes inquietações pertinentes ao tema que não foram abordadas por mim. Analisar os livros didáticos de Língua Portuguesa de 5^a a 8^a séries, por exemplo, ofereceriam dados que ajudariam a traçar o panorama de como as Fábulas são trabalhadas no Ensino Fundamental. Vale ressaltar, entretanto, que as limitações não comprometeram a qualidade e veracidade de tal estudo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil. Teoria, análise Didática*. São Paulo: Ática, 1991.
- FAGUNDES, Márcia Botelho. *Aprendendo valores éticos*. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, =2001.
- FRANCO, M. L. P. B. *O livro didático e o Estado*. ANDE, ano I, no 5, 1992, p. 19- 24.
- GÓES, Lucia Pimentel. *Introdução a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- Parâmetros Curriculares Nacionais – *Apresentação dos temas transversais e ética*, Vol. 8. Brasília: MEC/SEF, 1997.